

**«Do mistério, o resquício»**

A proposta curatorial «Do mistério, o resquício» que apresentamos à Arte Santander 2024 assenta em uma relação entre obras de **Eva Díez** (Vigo, 1982) e **Rui Soares Costa** (Lisboa, 1981), e a poesia de Manuel António Pina [1943-2012], escritor português, distinguido com o Prémio Camões 2011. Do seu último livro «Todas as palavras» consta o poema «As coisas» do qual resgatamos para esta proposta o verso: «Essa perda é que é a coisa».

De Eva Díez apresentamos “Bosque” e “Liminal”, duas séries onde a ideia de fenda e de paisagem se cruzam e fundem, num palimpsesto que tem vindo a caracterizar a sua prática artística mais recente.

Em “Bosque” há um tempo que se suspende pelo mistério, pelo desconhecido que nos confronta com a mortalidade, aquela onde o Homem habita, recuperando o pensamento de Heidegger tão presente na obra de Manuel António Pina. Na série “Liminal”, as fendas encontram-se na casa e o seu registo é colocado em outro contexto e suporte, adquirindo um novo significado. Este raspar dos vestígios, sedimentando camadas sobre camadas, transforma a não-forma de um lugar numa hipotética ou utópica paisagem. Como refere a curadora Sara Donoso: “uma proposta onde a casa e a montanha fingem ser um mesmo esconderijo.”

De Rui Soares Costa apresentamos as séries “Rising” e “not there” que exploram a ideia do devir do vestígio, um lugar e um tempo onde convergem os actos de construir e desconstruir, a ausência e a presença. De “Rising”, uma série na qual o artista reflecte sobre as alterações climáticas e o Antropoceno, a escolha incidu sobre desenhos que resultam da acção da água e da erosão do tempo que vão fragmentando e transformando a própria superfície. Em “not there”, linhas paralelas, contínuas, uma espécie de sismógrafo que, de forma subtil e poética, revelam o que não está, uma ausência que se revela mais presente que a presença.

Obras que nos remetem para (possíveis) alegorias da perda, da ausência, ao mesmo tempo que nos trazem a consciência da existência, da “coisa” nos seus múltiplos símbolos, fragmentos e interpretações.